O jacaré serviu de ponte

Acervo ISA

Um livro de estórias

Quem passar por este livro, ouvirá vozes do centro da mata virgem: são estórias de índio, cantigas de cipó, cantos de pássaros, contos de encantados, bichos-homens, que povoam o Acre até o Perú e o Amazonas.

Estórias contadas e escritas por gente da mata. Primeiros e legítimos habitantes da terra que ainda é terra, água e ar: o espaço amazônico.

Neste livro os índios do Acre são tema, autores e principais destinatários. Escrito por um grupo de índios Caxinauás, Apurinãs, Catuquinas e Iauanauás, ele volta agora às aldeias para que seus parentes também aprendam a ler, escrever e contar... estórias como estas.

A estória do livro

As estórias que vocês vão ler aqui foram escritas entre março e junho de 83 num curso para formação de monitores indígenas, organizado pela Comissão Pró-Índio do Acre e Coordenadoria de Assuntos Indígenas, para 25 jovens das nações Caxinauás, Apurinãs, Catuquinas, Iauanauás, Manchineri e Jaminauás. O curso foi o primeiro passo para a execução de um programa de educação em português, reinvidicado por diversas lideranças indígenas do Acre que expressaram a necessidade de terem escolas nas aldeias com professores índios. Dá bem idéia dessa exigência o trecho de uma carta encaminhada pelos índios Caxinauás à CPI-Acre em novembro de 82: "Nós queremos aprender a fazer conta, queremos aprender a tirar nossos saldos, não queremos mais ser explorados pelos patrões dos seringais. Queremos ler os nossos talões de compra de mercadorias para saber o valor da nossa produção de borracha".

Solicitaram ainda nesse documento que para melhorar as condições de ensino e saúde nas áreas indígnas, devia-se preparar os índios para serem eles próprios os monitores e agentes de saúde, uma vez que têm mais compromissos com suas comunidades do que muitos funcionários brancos, que nem sempre conseguem viver entre eles por uma série de motivos.

E foi assim que um grupo de moças e rapazes índios, escolhidos por suas lideranças, vieram a Rio Branco se formarem professores. As comunidades interessadas contribuíram com uma quantia para criarmos um fundo comum destinado à compra de material escolar, passagens de ônibus, etc. Conseguimos gratuitamente a hospedagem no Centro de Treinamento da Fundação Cultural do Acre, onde tivemos sala de aula, alimentação e dormida.

De manhã à tarde, por três meses, os monitores estudaram português e matemática, e muitas vezes entraram noite a dentro com aulas extras pedidas a nós para resolver dúvidas e curiosidades.

Além dessa intensa e espontânea atividade de estudo, participaram de reuniões com lideranças indígenas para discutir assuntos como demarcação de terras, saúde e educação; visitaram escolas da rede oficial de ensino, trocando experiências e idéias com alunos e professores; tiveram seus trabalhos, textos e desenhos, publicados em jornais da cidade (A Gazeta, Folha do Acre e O Rio Branco), onde também foram entrevistados; fizeram exposição destes trabalhos em espaços públicos durante a Semana do Índio de 83.

Durante o curso, exercitamos o português lendo, escrevendo, contando, desenhando números e estórias.

Aprendemos ensinando: os alunos, futuros monitores, davam aulas entre si, aprendendo a ensinar. Nós, ensinando pela primeira vez a outro povo, com quem tinhamos muito a aprender. Por isso ensinamos aprendendo, ouvindo, deixando-os falar, escrever, contar suas estórias.

Aprendemos inventando: um material de ajudar a ensinar nas suas comunidades. Primeiro, criamos a cartilha de alfabetização, com desenhos e palavras dos monitores, feita por eles para eles. A invenção ficou bonita, conseguimos o dinheiro para fazer mil delas com a Oxfan. Hoje, ela virou cartilha mesmo e já está ensinando a ler, escrever nas primeiras escolas com monitores indígenas do Acre.

Depois reunimos os melhores textos escritos pelos monitores. Após algumas correções ortográficas e de pontuação, inventamos este livro de estórias. Em duas partes. Na primeira, estão as "estórias de hoje" que contam o seu dia-a-dia nas aldeias: o trabalho de seringueiro e a atual experiência de cooperativismo; a relação com a natureza para extrair os alimentos, a roça, a caça e a pesca; o saber técnico de fazer os objetos e instrumentos com que trabalha, vive e festeja; a maneira de celebrar – suas danças, cantos e festas; as mudanças que vem sofrendo depois do contato com as cidades; o modo como vivem, sentem e pensam tudo isso.

Na segunda parte do livro estão as "estórias de antigamente". Nome que os monitores deram a este tipo de narração onde seus antepassados são protagonistas de aventuras com quatipurus, cobras, sapos e aranhas encantados. Estórias que explicam, de um jeito muito próprio, a origem da lua, da noite, do tecido. Podem também ser compreendidas como "estórias de antigamente," por já estarem quase em desaparecimento entre os mais jovens, pertencendo hoje apenas à memória dos velhos, chefes e pajés das comunidades. Assim, dos 25 monitores que trabalharam neste livro, somente alguns deles conseguiram escrever este gênero de estórias do passado de sua gente. Juntamos então a estas estórias, outras, recolhidas de seus irmãos Caxinauás Peruanos, pesquisadas pelo antropólogo francês André M. D'Ans e traduzidas por nós para ajudar a reavivar a lembrança de mais estórias.

Todo este material de autoria dos monitores foi também ilustrado por eles. Acreditamos na força da imagem, no prazer de desenhar e descobrimos juntos o entusiasmo de contar desenhando. O resultado, este livro, saiu com todas as cores da alegria que merece um povo de escrever suas estórias, desenhando suas páginas e assim poder contar sua História.

Que a partir da sua leitura, outras e muitas estórias sejam escritas, aumentando as páginas deste Hoje e lembrando de um Antigamente que já não está tão longe assim.

Nietta Lindenberg Monte
(Professora de português e organizadora deste livro)
Rio Branco, janeiro de 1984.

Acervo ISA

CEDI - P. I. B.
DATA 20 / 05 / 92
COD

Estórias de Hoje e de Antigamente dos Índios do Acre

Estórias de Hoje

Eu sou um homem seringueiro
Eu vou falar sobre os direitos dos índios
Índio vai contar o que é que tem no mato e na terra
Alimentos dos índios na aldeia eu vou lhe contar
Nós fazemos
Nós temos costumes
Nós festejamos
A vida na cidade
A vida na aldeia

Estórias de Antigamente

Porque nossos povos não vivem mais todos juntos?
Os Índios do Acre
O Homem que virou passarinho
O começo do mundo dos índios Caxinauá
O Nascimento da Lua
O homem da mulher de barro
A invenção da noite
A invenção do tecido
A invenção do cipó

Acervo ISA

ESTÓRIAS DE HOJE

Eu sou um homem seringueiro
Eu sou um homem liberto e O Seringueiro 3
Desenho-ilustração 4
Sobre a vida do seringueiro 5
A cooperativa dos índios e O Barracão do patrão 6
Desenho 7

Eu vou falar sobre os direitos dos índios
Índio também tem seu direito, Semana do Índio o que é? e Eu sou índio e quero continuar a ser índio. 8

Índio vai falar o que é que tem na mata e na terra
Na terra tem, Na terra e Outra informação da terra 9

Os alimentos dos índios na aldeia, eu vou lhe contar
Tem dia 10
Desenho 11
A roça, As caças e A pescaria 12
Alimentação que a gente come e O Pato 13

Nós fazemos
Arco e flecha, As panelas de barro, As redes, Pintura da rede e do corpo, e do chapeú de Taboca 14
Casa do índio, As casas da minha aldeia, As ferramentas 15

Nós temos costumes
Os remédios da mata 16
O pajé e o cipó e Quando passa a ser pajé 17
A estória do cipó 18
Desenho 19

Nós festejamos
A morte, O batismo, O casamento do índio 20
A festa do mariri, A festa do gavião 21
Desenhos 22, 23

A vida na cidade
A vida na cidade eu vi assim, Isto que eu estive vendo aqui na cidade e Na cidade é diferente 24

A vida na aldeia
A vida do menino, como é que ele cresce, Estória da minha vida de menino na aldeia, A vida da menina e A vida da mulher 24, 25
Desenho 26

Acervo ISA

EU SOU UM HOMEM SERINGUEIRO

Eu sou um homem liberto

No tempo que
eu era dominado
pelo patrão
eu não tinha nada

Hoje eu sou um homem liberto.

Sou um seringueiro.
Faço a minha borracha.
Vendo no preço da cidade
e compro mercadorias.

E assim eu vou passando minha vida.

Durante um ano,
eu faço 1500 Kg
de borracha
Só eu e a minha faca.

Eu sou um homem seringueiro
ninguém vai comigo na seringa.

Júlio Barbosa Cupi – Caxinauá do Rio Envira

O Seringueiro

O seringueiro
é o homem
que trabalha na seringa

Tem seringueiro
que fica rico

Tem seringueiro
que morre pobre

O José faz 10 anos
que corta seringa,
nunca tirou saldo.

Júlio Barbosa Cupi – Caxinauá do Rio Envira

Acervo ISA

Acervo ISA

Sobre a Vida do Seringueiro

Os seringueiros tem muito valor. Por que? Porque é o seringueiro que faz o Brasil produzir pneu de carro, pneu de avião, sandália e muitas coisas.

Agora para o pobre do seringueiro, a borracha que ele faz não tem valor na mão dos patrões, dos marreteiros. Quando recebe um preço, é uma mixaria.

É assim que os pobres dos seringueiros vivem na mata cortando seringa.

Francisco Apurinã do Km 45

Sobre a vida do seringueiro

O seringueiro vive facilitando de muitas coisas:

Levanta bem cedinho, as vezes nem dá tempo o coitado fazer seu café. Porque ele olha para o tempo e o tempo está preparando para chover. Então ele fica preocupado com os compromissos que tem e põe o pesão no rumo da estrada.

Andando bem ligeiro para não perder o leite, ele faz grande esforço. Quando acaba, ainda perde o leite.

O coitado pensa que está bem, as vezes está é mal.

Francisco Apurinã do Km 45

Sobre a vida do seringueiro

Para a gente trabalhar na seringa, a primeira coisa que o freguês faz é ajeitar as estradas roçando e entigelando. Depois que termina de roçar as estradas, faz o defumador. Quando tiver tudo pronto, começa a cortar as seringueiras. A gente sempre vai cortando e comprando mercadorias. Então chega o fim do ano, e a gente vai entregar a borracha pro patrão para acertar as contas. Para saber se deve ou não.

Joaquim Maná – Caxinauá do Rio Jordão

Acervo ISA

A Cooperativa dos Índios

A borracha é importante para todos os seringueiros. Quando eu era pequeno, meu pai trabalhava com patrão cariu. As mercadorias eram muito caras e o meu pai ficava sempre devendo ao patrão. Eu fui crescendo, ajudando meu pai e ele continuava devendo ao patrão. E o patrão roubava nos preços das mercadorias, e roubava no preço da borracha e roubava na balança. Cobrava a renda das estradas, 35 quilos por estrada. Quando nós comprávamos cinco cartuchos, ele debitava sete e roubava quando ia tirar a conta do freguês. Quando o fregûes quer tirar saldo, o patrão credita cinco mil no saldo dele e ele sempre fica devendo. Com isso ninguém pode tirar saldo e nem comprar nada. Quem produziu 100 Kg de borracha recebe o valor de 50 mil e a gente compra 100 mil. Não dá nem para pagar o débito e a gente não tem mais condições de comprar e passa muita necessidade. Tem vez que a gente come insosso e falta munição, sabão e querosene. E quando chega mercadoria é muito cara e a borracha é barata.

O barracão do patrão é diferente da cooperativa dos índios. Na cooperativa a gente tira saldo, a gente não paga renda das estradas de seringa, a cooperativa não rouba na venda das mercadorias. A gente produz pouca borracha, mas tira saldo e compra o que a gente quer comprar.

João Carlos Kiam – Caxinauá do rio Jordão

O Barracão do Patrão

No barracão tem cachaça para vender para o freguês. O fregûes compra cachaça para tomar. E quando está bêbado, ele vai brigar com o outro. Então ele mata um por causa da cachaça e vai preso. No lugar de trabalhar na colocação, fica empalhando.

Outra situação do patrão: ele compra mercadoria na cidade, leva para o seringal, vende fora do preço para ganhar muito dinheiro do seringueiro.

O patrão sempre domina o fregûes: O barracão cobra a renda das estradas. Cada parelha de estrada cobra 70 Kg de borracha. Então o freguês sempre fica devendo. O patrão sempre bota juros na conta do freguês e o freguês briga com o patrão porque está roubando o trabalho dele.

Outra: o patrão não faz roçado com a mão dele. Ele só manda a gente fazer roçado para ele comer. Quando a roça está bem madura, ele faz farinha para vender. Foi o freguês quem fez o roçado, mas o patrão sempre vive com trabalho do freguês.

Osair Sales Sian – Caxinauá do Rio Jordão

Acervo ISA

cooperativa dos índios

mariri dos índios

O Sair Sales

Acervo ISA

EU VOU FALAR SOBRE OS DIREITOS DOS ÍNDIOS

Índio também tem seu direito

Nessa semana eu vou falar sobre os direitos dos índios. Índio tem direito de ficar com sua terra demarcada. Ele conhece as riquezas da terra dele. Tem caça, tem lago onde nós sempre pescamos para pegar peixe. Tem madeira de lei para serrar, tem nossas estradas de seringa, tem paxiúba que serve para assoalhar a nossa casa. Tem plantação do mato e os remédios que sempre servem para curar doenças dos índios. Tem nossa plantação de banana, mudubim, mandioca. Tem festa do mariri. Índio tem direito de fazer as festas deles, porque o branco faz as festas dele. Os índios também tem seu direito de aprender ler, escrever e tirar as quatro operações de conta para não serem enganados pelo patrão branco no peso da borracha e no acerto de contas e nos preços das mercadorias.

Por isso que nós estamos estudando. Para não sermos enganados por ninguém. E também nós estamos aprendendo para ensinar o nosso povo que ficou lá na aldeia. E nos queremos aprender curso de saúde. Como é que o branco trata, como é que ele aplica injeção, essas coisas também o índio tem o direito de aprender. Os índios também tem direito de fazer reunião dele para trabalhar junto.

E os índios não tem vergonha de falar sua própria língua dele. Eu sou índio Caxinauá do Rio Jordão.

Osair Sales Sian – Caxinauá do Rio Jordão

Semana do Índio o que é?

Semana do Índio o que é? É a semana do índio falar sobre os direitos das terras dele. Nós queremos a demarcação da nossa terra que foi prometida há muito tempo e ate agora nós não temos nenhuma terra demarcada. Portanto, nós precisamos de ajuda para demarcar a nossa terra. Que não é só a terra, é a nossa riqueza que tem dentro da terra. Que são as nossas estradas de seringa, os nossos roçados, as caças, os lagos e os igarapés, as madeiras de lei. Por tudo isso é que nós queremos a demarcação certa.

Joaquim Paulo Maná – Caxinauá do Rio Jordão – Tarauacá

Eu sou índio e quero continuar a ser índio

Eu quero ser índio por que eu sou da nação dos índios. Minha mãe é índia e meu pai é índio.

Eu não quero ser branco porque meu cabelo é estirado.

Se eu não falar mais na minha língua, eu perco a minha música do mariri-tirim, festa do gavião.

Eu perco remédio do mato.

Se eu não quero mais falar na minha língua, eu perco essas coisas.

Arriscado eu perder até a minha terra para morar.

Osair Sales Sian – Caxinauá do Rio Jordão

Acervo ISA

ÍNDIO VAI CONTAR O QUE É QUE TEM NO MATO E NA TERRA

Na Terra Tem

Tem pau pra fazer barco, tem pau pra fazer casa de morada, tem pau que serve para fazer mutá de madeira para poder cortar lá em cima, tem pau pra fazer pilão para o arroz, tem pau-brasil de cor vermelha, tem cedro pra serrar, tem cumaru que serve pra fazer carvão. Na mata tem pedra para amolar terçado e machado. Tem terra que mulher fabrica pote, tibungo, busina. Na mata tem remédio do mato. Quando um dia a cobra morde a gente, gente velha vai procurar remédio no mâto. Tem todo tipo de remédio de cobra. Tem remédio de cobra papagaia, tem remédio de cobra jararaca, tem remédio da surucucu de barranco. Tem remédio que serve pra tosse. Tem óleo de copaíba que serve pra todo tipo de doença.

E tem seringueira.

José Pereira Biscô – Caxinauá do Rio Jordão

Na terra

Na terra a gente produz muitas coisas.
Quando a gente morre é plantado na terra.
Também as plantas de comer: batata, banana, arroz, milho, mamão, gerimum, melancia, tomate, maxixe e mandioca.
A minhoca também vive na terra.
E tem muitas qualidades de cobra que vivem também a mesma vida da minhoca.

Rufino Sales Maiá – Caxinauá do Rio Jordão

Outra informação da terra

Eu nasci na terra, eu me criei na terra, eu moro na terra.
Nós lutamos pela nossa terra e nós trabalhamos na terra.
Para podermos viver, nós botamos roçados na terra.
Quando nossa gente morre, nós enterramos na terra.
Outra informação da terra: na terra tem palheira,
tem pau para fazer ubá
Existe seringa e existe caça.
Dentro da terra tem igarapé.
Tem todo tipo de nome de igarapé.
Na terra existem todos os tipos de coisas.
Tem lua que alumia de noite.
Tem sol que alumia de dia.
Também é na terra que a roupa enxuga quando a gente lava.
Na terra nós criamos nossa criação.
Com nossa gente nós somos acostumados a morar na terra.
Nós conhecemos terra de visão.

Osair Sales Sian – Caxinauá do rio Jordão

Acervo ISA

OS ALIMENTOS DOS ÍNDIOS NA ALDEIA, EU VOU LHE CONTAR

Tem dia

Tem dia que
o índio come
Tem dia que
o índio não come.

Tem dia que
o índio mata caça.
E tem dia que
o índio não mata caça.

Tem dia que
o índio trabalha.
E tem dia que
o índio não trabalha.

Júlio Barbosa Cupi – Caxinauá do Rio Envira

Acervo ISA

Acervo ISA

A ROÇA

Quando os índios começam o roçado, primeiramente eles vão medir o tamanho, no outro dia vão brocar, e no outro dia vão derribar. E seca durante trinta dias. Depois vão tocar fogo. E seis dias depois vão plantar taioba, milho, mandioca, cará, arroz, mamão. Isso é no mês de agosto. Quando for no mês de novembro, eles começam a limpar! Quando a roça tiver com seis meses, já é bom para comer cozido com carne de caça ou peixe.

Júlio Barbosa Cupi – Caxinauá do Rio Envira

AS CAÇAS

Eu vou contar uma estória lá da minha área sobre as caças. Lá hoje não existem muitas caças, sabe por que? É porque os brancos acabaram as caças com cachorros. Hoje a gente para poder comer carne vai caçar bem longe, com três horas de viagem. As vezes mata, e as vezes não mata.

Um dia eu fui caçar, e me perdi, mas tive bastante coragem para voltar pra casa. Neste dia eu vi uma onça pegando um veado para comer. Outro dia, o meu irmão foi caçar e matou um veado e três jacu. Neste dia lá em casa foi uma grande animação. Chegaram todas as famílias para comer da carne.

Julio Barbosa Cupi – Caxinauá do Rio Envira

A Pescaria do Índio

Eu vou contar a estória da pescaria do índio. A pesca do índio é com a uaca que é um tingui. Quando o índio quer pescar ele manda as índias apanharem o tingui. Depois que as índias terminam de apanhar o tingui, o índio vai pescar. Quando o índio termina de pescar, ele vai medir na lata de querosene para ver quantas latas deram. Então ele vai dizer que deram tantas latas. Se deram quatro latas ou seis, ele vai convidar a indiarada pra pescar no igarapé grande. Quando os índios ajuntam todinhos, eles pegam cada qual uma lata de tingui e saem para o igarapé. Chegando lá, põe o tingui na água e pegam todas as qualidades de peixes. Depois trazem para casa, tratam o peixe, põe no fogo para cozinhar. Depois que o peixe estiver pronto, eles deixam de tratar o peixe e vão comer. Então o índio acha que o tingui é mais fácil de pescar do que com a tarrafa, o anzol e a rede. Então o índio acha que o tingui é mais fácil de pescar do que os materiais dos brancos. Então o índio acha que o material do branco não é como o do índio.

Rubem Barbosa Cupi – Caxinauá do Rio Envira

Acervo ISA

Alimentação

Os alimentos dos índios na aldeia eu vou lhe contar. De manhã, às 7 horas, no quebra jejum é mingau de banana, caiçuma de milho, gerimum, laranja, mamão, ovo, mandioca cozida e pipoca de milho. No quebra jejum os índios comem essas coisas que eu falei. Agora no almoço é comida de todas qualidades: macaxeira cozida, carne cozida, banana assada, macaco amuquiado, peixe amuquiado, mingau de banana, caiçuma e farinha. Isto que é o alimento do índio caxinauá na aldeia.

Rubem Barbosa Cupi – Caxinauá do Rio Envira

Criação que a gente come

A vida do pato e a pata eu vou lhe contar. Então se o pato não produz, quem produz é a pata. A pata põe os ovos e fica trinta dias deitada. Após trinta dias saem os patinhos. Eles vão crescendo e ficam grandes. Os patos servem para comer, vender e criar. Os ovos servem para fazer arabu, bolo e muitas coisas que eu não sei fazer. A criação que a gente come são pato, galinha, capote, perú, pombo, porco, cabra, ovelha e gado. Esses são os animais que a gente como e se alimenta. Os outros animais que a gente não come são esses: cachorro, gato, cavalo e jumento. E mais outras coisas que eu não sei.

Julio Barbosa Cupi – Caxinauá do Rio Envira

O Pato

O pato é uma criação que gosta de água. A água para o pato é um alimento. O pato se alimenta de camarão e sapinho e piabinha e gafanhoto e semente de capim e milho. Anda muito longe de casa. No rio pra cima, ou pra baixo no rio. O pato gosta de viajar no rio e gosta de tomar banho no rio e na chuva. Ele nada muito ligeiro, não tem água que empate ele viajar. No rio nada mais ligeiro do que um bote, na terra voa igual a um avião. O pato dorme debaixo da casa ou na praia quando está longe da casa. E o pato não tem sossego num canto só. Ele sempre come muito milho e é fraco e os bichos que perseguem ele são gavião, a mucura, o gato e o jacaré. A gente cria o pato pra matar comer e vender para os marreteiros. E também tem outros tipos de pato. Tem o pato brabo que vive no lago e no rio também ele é brabo. Por natureza, nunca ninguém chega perto dele. Ele sempre come folha de imbaúba e capim, sapinho e camarão. Dorme num pau caído na praia. Ele vive em qualquer lugar ou no lago ou no rio. Ele voa muito, do rio vai para outro rio. Do Jordão para o rio Tarauacá, do Tarauacá pode varar para o rio Murú. E tem o paturí que vive no lago ou no rio. Ele é pequeno, mas é sabido. Ele vive em qualquer lugar. Ele é bonitinho mas não pode criar que é brabo. Ele como gafanhoto e piabinha e sapinho. Ele mergulha por até 5 minutos. A vida dos patos é essa: em cada lugar tem.

João Carlos Kiam – Caxinauádo Rio Jordão

Acervo ISA

NÓS FAZEMOS:

Arco e Flecha

Pra fazer um arco é preciso ir na mata para derribar a pupunha braba. Depois que tiver derribada a gente tira um pedaço grande que dá para fazer o arco e volta para casa. Para trabalhar no arco a gente gasta meio dia. Depois que o arco estiver pronto, a gente vai tirar as flecheiras na beira do rio. Tira 5 ou 6 flecheiras e volta para casa. Bota as flecheiras no sol ou no fogo para ficar bem retinha, e depois pega o pedaço de pupunha e faz a lança. Depois que a lança estiver pronta coloca na flecheira e amarra com o cordãozinho para segurar a lança. E está pronto para pescar e caçar na mata.

Sálvio Barbosa Kister – Caxinauá do Rio Jordão

As panelas de barro

As panelas de barro que a índia faz dão bastante trabalho pra fazer. Eu vou lhe contar o trabalho que dá do barro. Primeiramente ela vai na beira do igarapé tirar o barro. Depois ela começa a trabalhar amassando o barro. Quando ela termina de amassar ela começa a fazer as panelas. Quando termina de fazer as panelas ela deixa secar 3 dias. Depois de secar 3 dias ela vai assar e assa e saem todas bem feitinhas. E na hora em que as panelas estão prontas, ela vai fazer comida. Faz caiçuma e cozinha macaxeira e cozinha banana e carne ou peixe e mais muitas coisas que são cozinhadas.

Julio Barbosa Cupi – Caxinauá do Rio Envira

As Redes

As redes são feitas pelas mulheres. Para fazer uma rede elas ajuntam o algodão. Quando ajuntam muito, elas começam a fiar o algodão. Quando terminam de fiar todo o algodão, começam a tecer a rede. Dentro de um mês terminam de tecer a rede e fazem o punho. Depois que fizerem os punhos da rede, estão terminados todos os serviços da rede. Então vão fazer mais redes de algodão. E as tintas para pintar as linhas. Vão atrás de barro preto e casca de pau que dá tinta vermelha, e também urucum e mais outras tintas da mata.

Joaquim Paulo Maná – Caxinauá do Rio Jordão

Pintura da Rede e do Corpo e do Chapeu de Taboca

As tintas são de várias cores. Tem preta que a gente tira das flores do cipó e da casca de pau que se chama aguano. Pega as flores do cipó e a casca de aguano e pisa no pilão bem pisado, e sai a tinta preta para tingir as linhas. E tem a tinta amarela que a gente planta uma planta que da batata. A gente pisa a batata também e sai a tinta amarela para tingir as linhas. E tem também o genipapo que dá a tinta preta para pintar o corpo ou a cara, para dançar o mariri todo pintado e bonito.

Sálvio Barbosa Kister – Caxinauá do Rio Jordão

Acervo ISA

Casa do Índio

Eu vou lhe contar uma estória do índio que se passava antigamente. Quando o índio ia fazer a casa ele não tinha o terçado do branco e nem o machado e nem a enxada. Eles usavam terçados de pupunha e o machado era de casco de jabuti. Mas de hoje em dia os índios usam o terçado do branco e o machado também e a espingarda e a faca. De hoje em dia os índios fazem a casa mais com facilidade do que era de primeiro. De primeiro os índios quando iam fazer a casa não tinham material. Não tinham pregos e nem martelo. Quando eles iam fazer a casa, eles amarravam o caibro com a envira e as palhas também. Mas agora eles tem todos os materiais dos brancos.

Rubem Barbosa Cupi – Caxinauá do Rio Envira

As casas da minha aldeia

As casas da minha aldeia são diferentes daqui. As casas são de piso de paxiúba e as paredes são de paxiubinha e as madeiras são de lá mesmo. Os nomes das madeiras são mulateiro, envireira e mais outros paus. As casas são cobertas de palha e as palhas são amarradas de envira. O nome da envira é piaca. O fogão que o índio faz é de barro, e a lenha para queimar é de todos os paus. Antigamente os índios só moravam numa casa só. Hoje cada índio tem sua casa separada para morar.

Julio Barbosa Cupi – Caxinauá do Rio Envira

As Ferramentas dos Brancos

Eu vou contar uma estória sobre estas coisas: Antigamente os índios não compravam ferramentas. Eles faziam terçados de pupunha e machado de casco de jabotí. Hoje eles compram as coisas dos brancos.

Antigamente para fazer uma casa era luta. Hoje é fácil porque a gente tem terçado, machado, pega as ferramentas, sai para a mata, tira todas as madeiras, depois arma e depois cobre. Isso é mais fácil para todos os índios de hoje. Sabe por que? Porque é material dos brancos. Se não fosse o material dos brancos, era uma luta para os índios. Para fazer uma casa, eles demoravam muitos dias.

Rubem Barbosa Cupi – Caxinauá do Rio Envira

Acervo ISA

NÓS TEMOS COSTUMES

Eu sou Índio

Eu sou índio porque nós temos costume de falar nossa língua.
E também nós temos costume de dançar a festa do mariri.
E também temos costume de nosso batismo.
E também temos costume de pescar com flecha.
E também temos costume de plantar a nossa plantação.
É mandioca e banana e milho e algodão e tingui e amendoim.
Isso que nossa plantação é.
E também nós temos costume de comer a mandioca.
E também temos costume de pintar nosso corpo com genipapo e urucum.
Por isso é que nós queremos continuar a ser índio.
É pelos costumes de nossa aldeia que todo o pessoal já conhece.
Então não adianta a gente negar a nossa língua e dizer que não é índio.
O índio não pode virar cariu, porque é de outro jeito e chama de índio.
O índio também é gente.
Nós somos índios Caxinauás do Jordão e queremos aprender a língua de português, ler, escrever e tirar conta para não ser roubado pelo cariu.

Norberto Sales Têner – Caxinauá do Rio Jordão

Acervo ISA

O Pajé e o Cipó

Quando o pajé vai tomar cipó, ele chama todo mundo, homens e mulheres, e começa a tomar dois copos de cipó. Então ele começa a cantar. Quando termina de cantar, vai para o mato falar com o caboclo dele. Antes de sair, ele fala para todo mundo: – Quando eu chegar do mato, vocês ficam cantando mariri na minha frente, porque isso é muito importante para nós e todo mundo.

Então ele vai saber se tem alguém doente. Ele manda mulher do cara que tem doença fazer caiçuma. Quando ela termina de fazer, ele manda a mulher botar caiçuma dentro do pote para curar. Quando a caiçuma está bem curada, ele dá para o cara beber.

O pajé toma rapé. Ele diz que sem rapé não pode curar.

Ele não quer que ninguém deite na rede dele. Só sua mulher. E ele passa a noite cantando cantiga do cipó.

Ele diz que as coisas que ele vê, só ele pode ver quando toma cipó.

E quando ele toma cipó, ele vê todas as doenças.

Orlando Assis – índio Catuquina do Rio Gregório

Quando passa a ser pajé

A primeira coisa que a gente fazia quando fosse ser um pajé, era passar um mês na mata, só mascando Katsupari. Enquanto ele estava aprendendo, não podia comer nada de alimentos. O alimento dele era só o katsupari que ele mascava.

O meu avô contava que para a gente ser um pajé, era preciso ter muita coragem, porque se não, não era aprovado o trabalho que ele estava fazendo. Quando completava um mês que ele estava na mata só mascando katsupari, lá aparecia uma onça para vir visitar ele. Mas esta onça não vinha para comer ele. Ela só vinha cheirar, lamber e alisar.

O vovô contava que além da onça, ainda tinha uma grande gibóia que vinha deixar os arabanis dela para ele. Esta grande cobra, quando vinha chegando bem perto, fazia a pior da zuada. Era esturrando, berrando. Enquanto isto, o vovô contava, ele ficava bem quietinho, só mascando katsupari e tomando rapé.

Esta grande cobra, quando chegava pertinho dele, começava a lamber ele todinho e ele alí, como um morto, sem poder nem se mexer. Depois que a cobra já tinha lambido ele todinho, aí era que ela ia dar a ele uma pedras e estas pedras é que todos os pajés Apurinãs chamam de Arabani. Esta pedra que a cobra dá para o pajé ele usa dentro do corpo, como se fosse uma oração bem forte.

Antonio – Apurinã do Rio Purus

Acervo ISA

Os Remédios da Mata

Tem um tipo de remédio que esse é o chefe de todos os outros remédios da mata. Com esse remédio a gente pode fazer qualquer coisa que a gente quer fazer.

Pode fazer para matar muitas caças
e para ser trabalhador
e para não pegar doença
e para ficar bem feliz da vida.

E tem remédio que serve para não ser furado por espinho.
E tem remédio para golpe.
E tem remédio para a gente não errar os tiros.
E tem remédio para atrair mulher.
E tem remédio para picada de cobras.
E tem remédio para dor de dente.
E tem remédio para mulher ter filhos.
E tem remédio para queimadura.
E tem remédio para mulher não ter mais filhos.
E tem remédio para ferrada de arraia.
E tem remédio para ferrada de escorpião.

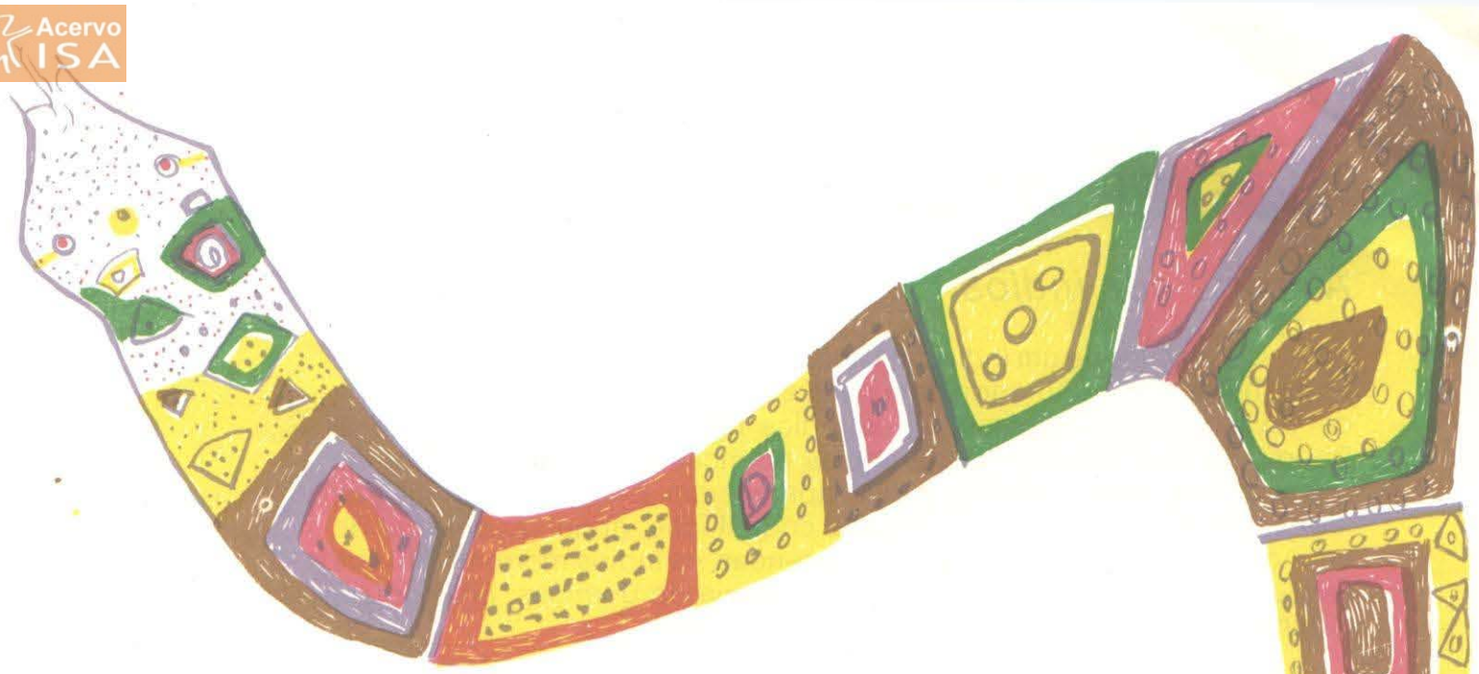
Sálvio Barbosa Kister – Caxinauá do Rio Jordão

A Estória do Cipó

O cipó é a ciência da religião da natureza do mundo. Porque no mundo tem todas as coisas para a gente ver. Quando nós queremos tomar cipó, não é de brincadeira. Nós tomamos cipó para ver coisas sérias. Quando nós índios queremos preparar cipó, vamos no mato procurar cipó e fôlha. A folha a gente chama cauá e o cipó a gente chama nichipair. Quando achamos o cipó, a gente corta cada pedacinho com quatro palmos. Quando acabamos de cortar, trazemos o cipó junto com a folha. Quando a gente chega em casa, deixa pra preparar no outro dia, porque já é tarde e não dá tempo de preparar. No outro dia bem de manhãzinha, a gente já vai preparar. Bate cipó com pedaço de pau. Quando termina de bater, bota na panela com as folhas. Então, bota panela no fogo para ferver o dia inteiro. Quem prepara, fica cuidando bem pertinho do fogo e assim não derrama, porque se derramar, a pressão vai embora todinha. É por isso que a gente fica cuidando. Quando dá quatro horas, a gente tira do fogo para esfriar. Quando dá sete horas da noite, nós tomamos com nossos companheiros. Quem gostar de tomar. Quando nós tomamos, ficamos deitados na rede. Quando a pressão chega no corpo da gente, então nós cantamos. A pessoa vai tomar o tanto que quer. Vai a noite inteira mirando a pressão do cipó. O cipó ensina muitas coisas pra gente. Depois nós fazemos dieta. Não comemos jabuti, nem macaco, nem comemos conservas, nem carne de boi. Assim não, porque a gente fica doido. Nós não podemos nem namorar. É assim que a gente faz dieta para tomar cipó.

Osair Sales Sian – Caxinauá do Rio Jordão

Acervo ISA



QUANDO A GENTE TOMA CIPÓ

VÊ ASSIM

COBRA GIBOIA

FRANCISCO SENHOZINHO
INDIO KAXINAWÁ DO RIO
JORDÃO MUNICIPIO TARAUACÁ

Acervo ISA

"NÓS FESTEJAMOS:"

A morte dos índios

Quando morre um índio, nós ficamos todos chorando. Os homens e as mulheres ficam chorando uma noite e um dia, até que a gente termina de cavar a cova. Antigamente, os índios não morriam todos os anos. Depois que os brancos chegaram, as doenças chegaram também. As doenças que não existiam na aldeia, apareceram. E são muitas doenças: febre, malária, sarampo, tuberculose, coqueluche, gripe, do-doi, mal de criança e diarréia. Por causa dessas doenças, os índios morrem todos os anos. Se não fosse isso, ninguém não morria de doenças. Só morriam alguns com picada de cobra e alguma pancada.

João Sales Tenê – Caxinauá do Rio Jordão

Batismo das Crianças

No mariri, índio caxinauá do rio Jordão faz assim: primeiro nós convidamos as nossas pessoas e nós ajuntamos todo mundo. A mulher pinta a cara das crianças. Então nós seguramos a mão da criança, nós pulamos com a criança o dia inteiro. No outro dia as crianças não comem carne, não comem salgado, não comem banana. As crianças só tomam caiçuma. Depois as crianças deitam 5 dias e com 6 dias levantam. Na festa do mariri, mulher canta assim: Cauá, cauá, cauá, cauá. Os homens cantam assim: Ré, rê, ré, rê, ré, rê; ibu, senei, ibu, senei; caxi, caxi, caxi, caxi; rabinchim, rabinchim, rabinchim, bitiuten, rima kinê ripara.

Francisco Senhozinho Tenê – Caxinauá do Rio Jordão

Casamento do Índio Catuquina

É assim. Eu vou contar a estória do casamento. Quando começa a namorar a gente vai tirar lenha para a mãe da menina e carregar água. E vai matar caçar também para a mãe da menina. Assim que a mãe gosta muito da pessoa e já está sabendo, toda noite o rapaz vai dormir com a menina. Passam dois meses ou quatro meses e eles vão casar. O pai da menina ajunta todo o pessoal para fazer a reunião e conversar. Chama pai do rapaz e mãe do rapaz e o pai da menina vai dar conselho ao rapaz e o pai do rapaz vai dar conselho para a menina. Quando termina de conselhar, o pai da menina fica muito animado e convida todo o pessoal para fazer festa do mariri. Para começar a festa eles vão pescar e quebrar bastante tingui. Quando eles chegam da pesca a mulherada vai pintar de genipapo todas as crianças também.

Depois de pintar a menina canta assim:

(eu)	(água)	(jogar)	
HEA	WACAM	ARIWE	ARIWE
HEA	WACAM	ARIWE	ARIWE
(você)	(água)	(jogar)	
MIA	WACAM	ARIPA	ARIPA
MIA	WACAM	ARIPA	ARIPA
(eu)	(fogo)	(jogar)	
HEA	TXI-I	ARIWE	ARIWE
HEA	TXI-I	ARIWE	ARIWE
(você)	(fogo)	(jogar)	
MIA	TXI-I	ARIPA	ARIPA
MIA	TXI-I	ARIPA	ARIPA

Maurício Rodrigues Vinhô – Catuquinha

Vinhô

Acervo ISA

A Festa do Gavião

A festa do gavião é muito importante para todas as pessoas que vivem na aldeia. O canto do tirim só os velhos é que sabem. Quando a gente quer fazer uma festa do gavião, primeiro vai conversar com o chefe da música do tirim. Depois a gente vai convidar os companheiros para prepararem a festa. Para a festa do gavião, precisa ir caçar para matar as aves de pena. O gavião real e as penas de arara, do japó, do tucano, do papagaio. O quandu serve para tirar e fazer um chapéu do cabelo. E tatú para fazer uma buzina do rabo para quando o pessoal chegar. E a gente buzina, pum, pum. E mata jaburú que é uma espécie de garça real. Depois que juntar todas as penas, o chefe vai fazer uma roupa de pena do gavião real com todas as outras penas. Enquanto isso, as mulheres vão ao igarapé ajuntar caracol para fazer umas pulseiras, e colocar para o enfeite. E é muito bom. Parece uma campainha. Quando o chefe termina de fazer a roupa de pena, e as mulheres terminam de fazer as pulseiras e colar, no outro dia, os homens vão convidar todas as pessoas que tem na aldeia para a festa do gavião. A gente mata também japinim, para fazer uma reza para aprender a fazer muitas coisas, a cantiga do tirim e a cantoria do cipó. Tira o couro do japinim e bota no sol para secar bem. Depois que estiver tudo pronto, vão 50 ou 60 pessoas para convidar o pessoal. E as mulheres ficam fazendo caiçuma de milho e de banana, cozinhando muita mandioca. Quando for no outro dia, meio dia, as turmas chegam. E as mulheres dão muita mandioca cozida e caiçuma de milho e de banana para eles comerem. Quando for 6 horas da tarde, eles começam a dançar em uma roda de duzentas pessoas. E a festa do gavião demora três dias para terminar. Todo mundo pintado de genipapo. A festa do gavião é muito boa para todos.

João Carlos Kiam- Caxinauá do Rio Jordão

A Festa do Mariri da Banana

Para isso o homem faz roçado grande para plantar a banana. Planta dois mil filhos de banana. Quando as bananas botam cachos, o homem combina com a mulher para fazer a festa. Quando a banana está de vez, o homem vai avisar os outros homens do outro lado da aldeia e as mulheres também para que venham ajudar a tirar a banana. No dia de domingo, eles vêm todos pra aldeia e o homem já esta esperando. No outro dia eles vão tirar as bananas e passam o dia todinho tirando e carregando e cantando. Então o chefe convida os outros homens para irem caçar na cabeceira do Rio Jordão. Gastam seis dias de subida e três dias de caçada e dois dias de baixada. Quando eles chegam em casa, no outro dia, eles vão começar a festa. Seis horas da manhã o chefe manda a rapaziada derrubar a banana do pendurado. As mulheradas ajuntando, os outros velhos cantando. Quando terminam de derrubar a banana, vão arrancar o amendoim. Também as moçadas debulhando amendoim, as velhas cozinhando as bananas para fazer caiçuma, misturada com amendoim. Depois de aprontarem todas as comidas, aí vão começar a cantar e a dançar. Comendo carne de macaco e carne de veado, bebendo a caiçuma de banana, fazendo isso a noite toda. Até que o dia venha amanhecendo, o pessoal já comeu as comidas todinha e bebeu a caiçuma também todinha. Então o chefe da outra aldeia marcou o dia também para irem ajudar a turma dele a preparar outra festa do mariri da banana.

João Sales Tenê – Caxinauá do Rio Jordão

Acervo ISA

Rio Branco Acre - 6/5/83

José Pereira da Silva Kaxinawá rio Jordão município Tarauacá

FESTA DO GAVIÃO - TIRIN

os índios estão comendo cabeça de tatu e cabeça de porco e cabeça de matrinxã e caiçuma de milho

Aqui está o pequenino comendo macaxeira

Acervo ISA

Acervo ISA

A Vida na Cidade

A vida na cidade eu vi assim

Na cidade eu achei muito bom. Agora, quem não tem dinheiro, não pode viver na cidade. O branco pode viver na cidade. Agora os índios não podem viver aqui, porque não tem dinheiro. Os brancos tem tudo na cidade. Tem carro, tem casa boa e tem muita gente aquí na cidade. Tem branco ruim e tem branco bom. Tem branco pobre e tem branco rico. A vida do branco é muito dividida. O branco não pode misturar com o índio. O índio não pode misturar com o branco.

A vida na cidade eu ví assim.

Isaias Sales Imã- Caxinauá do Rio Jordão

Isto que eu estive vendo aqui

Na cidade é muito bom para a gente viver rico. Gente pobre não pode viver porque não tem dinheiro para comprar alimento para comer. O rico mora na cidade porque tem dinheiro para comprar alimentos para comer. Aqui na cidade mora muita gente. Tem muita gente que passa bem, tem muita gente que passa ruim, porque não tem dinheiro e porque não tem coragem de trabalhar. Quem trabalha pega dinheiro, quem não trabalha, não nasce dinheiro na mão da gente. É isto que estive vendo aqui na cidade.

E também eu ví que aqui na cidade é bom para estudar.

Norberto Sales Tenê – Caxinauá do Rio Jordão

Na Cidade é diferente

Na cidade é diferente de morar no mato. A gente não pode andar de pé porque tem muito carro andando no meio da rua. Outra coisa, é porque ninguém não carrega água do rio. Ninguém não tira lenha e nem caça. A gente já compra tudo feito.

Mais outra coisa também. Quem tem dinheiro é bom viver na cidade. Quem não tem, é bom morar na mata.

Na cidade tem muita coisa para aprender. Gente tem profissão. O menino aprende para fabricar essas máquinas: televisão, telefone, máquina de escrever.

Na cidade também botam tudo no jornal, para todo mundo ver e ler. Na cidade tem rádio cipó, quando acontece uma coisa, todo mundo já fica sabendo. Por isso é que todo dia sai jornal.

Quando a gente está com fome, vai num restaurante e é só pedir e vem boia feita. Aí, a gente paga dois ou três mil cruzeiros e toma água comprada que eles chamam água mineral.

Osair Sales Sian – Caxinauá do Rio Jordão

A Vida na Aldeia

A vida do menino, como é que ele cresce

Só mulher não pode ter menino. Só homem também não pode ter. Homem e mulher fabricam menino novo que a gente chama de criança. Quando o menino nasce só mama no peito da mãe. Cada vez vai aumentando mais. Aí tem dia que a mãe faz mingau de banana para o menino tomar. E o menino vai crescendo. Quando já tá com seis meses a mãe vai dar comida, carne com macaxeira cozida e também banana cozida. Com um ano ele já levanta para andar com o pé dele.

Para criar crianças tem que dar alimento bom. Se o menino não se alimenta bem, custa crescer. Mãe tem que fazer caiçuma para o menino tomar.

Acervo ISA

Quando o menino completa três anos já vai andar na sala. Com quatro, já vai tirar água do pote para beber e cuidar da galinha, para não subir dentro da casa. Então o menino já pode comer um prato sozinho sentado no banco.

Quando completa 5 anos, ele já acompanha o pai no trabalho. O pai compra terçadinho para ele. O pai faz flechinha para ele aprender a flechar peixinho do igarapé pequeno.

Quando o menino completa nove anos de idade o pai já ensina a caçar no mato. Com dez anos já vai aprender cortar seringa. Ele vai aprender a cortar 60 seringas, tirando cinco latas de leite. Ele já tem dinheiro dele para comprar roupinha dele vestir. Então o pai já vai ensinar a fazer ubá. Ele aprende também remédio da mata.

Quando completa 15 anos ele já bota roçado, pesca e caça sozinho. Aí, quem tem moça bonita vem buscar esse homem. Fala com o pai, a mãe e o rapaz para fazer casamento. O sogro vem e carrega ele para ir morar com eles, trabalhando para eles comerem.

Osair Sales Sian – Caxinauá do Rio Jordão

Estória da Minha Vida de Menino na Aldeia

Quando eu não sabia nem ler nem escrever, minha vida era só brincar. Então meu pai falava: – Meu filho, você não pode passar o dia todo brincando. Pega o caniço e vai mariscar para pegar peixe. Você tem que lembrar de comer também.

E eu falava: – Meu pai, eu não quero ir mariscar, porque quando eu vou não pego nada. Por isso eu não quero ir mariscar.

Aí meu pai falava: – Se você não quiser mariscar de caniço, vai quebrar tingui e vai mariscar no igarapé *Nuvuia.*

E eu falava de novo para o meu pai: – Eu não, pai, porque igarapé *Nuvuia não tem peixe.*

Então meu pai tirava cinturão e dizia: – Pera aí. Agora você vai mesmo.

E acabou a estória sobre minha aldeia. Essa história eu vou contar para minha querida professora Nietta.

Maurício Rodrigues Vinhô – índio Catuquina do R. Campinas – Seringal Olinda. Cruz. do Sul

Estória da vida da menina

Quando nasce feminina, a mulher chama nome da mãe dela. A criança vai crescendo, e mamando e recebendo alimento. Com três anos ela já vai comendo com a mãozinha e aos seis já carrega água do rio. A mãe vai ensinando a menina fazer panela de barro e rede e cesta. Quando completa dez anos, ela já faz caiçuma para o pai e ajuda a mãe a fazer comida. Com 16 anos a menina já chega idade dela. Então o pai e a mãe combinam para fazer casamento e vão buscar o rapaz para ele caçar e pescar e cortar seringa para ajudar eles.

Osair Sales Sian – Caxinauá do Rio Jordão

A Vida da Mulher

A vida da mulher é diferente da vida do homem. Quando chega de manhã a mulher logo procura ir para o roçado buscar alimentos para os seus filhos e marido. A mulher sempre preocupa com os seus deveres em casa.

Quando chega a tarde ela vai pegar o cipó para construir o paneiro e chama sua querida filha para ensinar também. Enquanto ela está aprendendo, a mãe vai explicando como é a vida da mulher casada. Sempre ela diz – Olha, minha filha, os nossos antepassados faziam assim. E a filha vai aprendendo como é a vida dos antigos. Por isso que desde pequena a menina já sabe como luta quando tem sua casa.

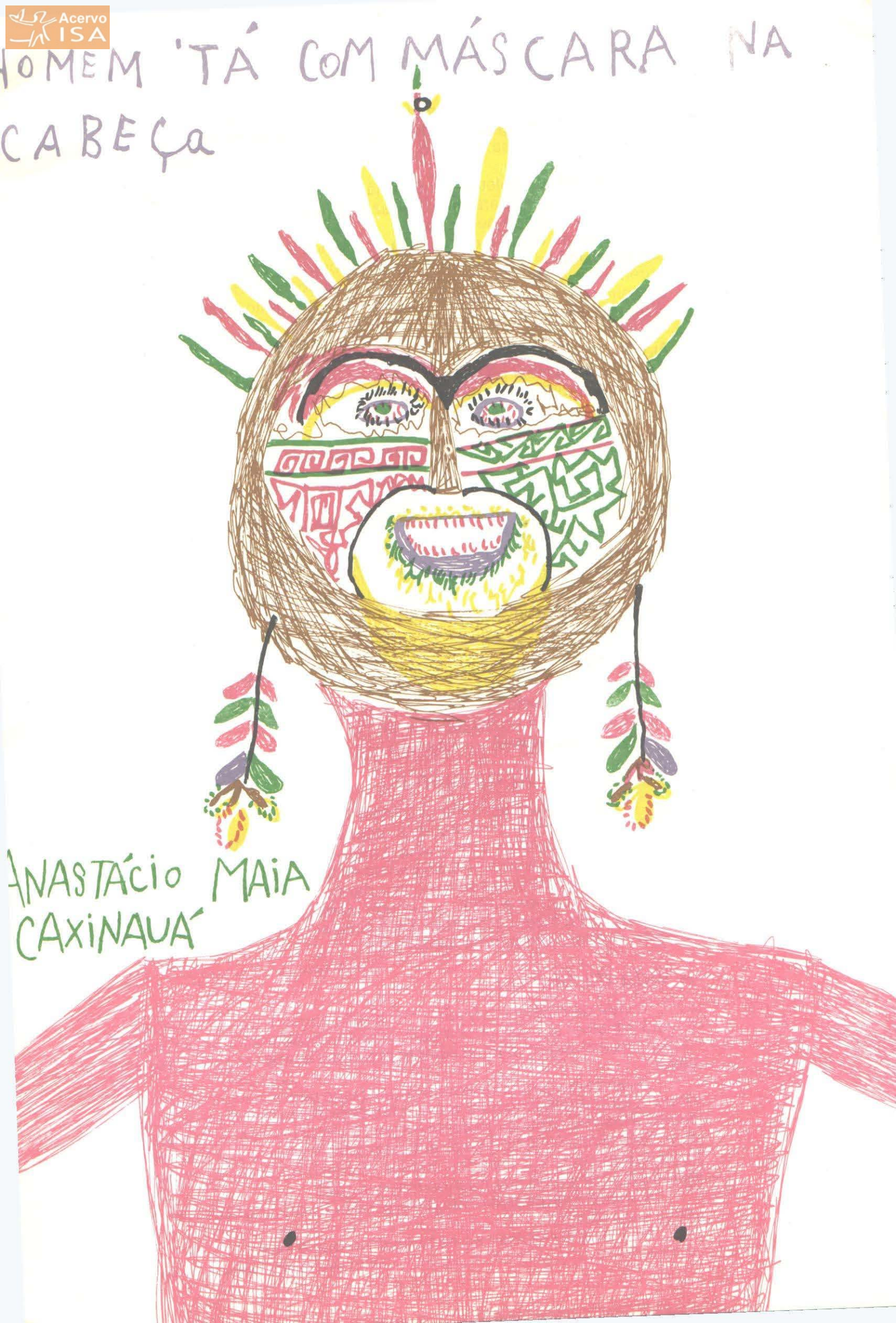
A noite ela vai pensar o que vai fazer no outro dia. Logo bem cedo ela segue para batalha.

Tem mais coisa. Isso eu não vou dizer que é segredo.

Maria Luisa Naueni – Iauanauá, Rio Gregório

Acervo ISA

HOMEM 'TÁ COM MÁSCARA NA CABEÇa



ANASTÁCIO MAIA
CAXINAUÁ

Acervo ISA

ESTÓRIA DE ANTIGAMENTE

Porque nossos povos não vivem mais todos juntos?	28
Os Índios do Acre	29
O Homem que virou passarinho	30
O começo do mundo dos Índios Caxinauás	31, 32
O nascimento da Lua	33
Desenho ilustração	34
O homem da mulher de barro	35, 36
A invenção da noite	37
Desenho ilustração	38
A invenção do tecido	39
A invenção do cipó	40, 42 43, 44
Desenho ilustração	41

As quatro últimas estórias foram traduzidas e adaptadas do livro "A verdadeira estória dos Caxinauá" de André M. D'Ans.

Acervo ISA

POR QUE NOSSOS POVOS NÃO VIVEM MAIS TODOS JUNTOS?

Antigamente os nossos antepassados viviam todos juntos numa só aldeia. Até que um dia resolveram sair para procurar miçangas, dentes de macaco para os enfeites e óleo para as pinturas do corpo. Ao chegarem perto de um igarapé bem largo, encontraram um jacaré que disse poder ajudar nossos antepassados atravessarem, em troca de matarem sua fome caçando para ele todos os animais que fossem encontrando. E assim eles puderam atravessar passando de um lado para o outro do igarapé, por cima do corpo do jacaré, em troca de muitas caças.

Mas como as caças começaram a escassear, nossos antepassados mataram um jacarezinho e levaram para o jacaré comer. O jacaré, com muita raiva por ver um filho seu morto, vingou-se de nossa gente derrubando no igarapé todos aqueles que passavam sobre ele.

E, deste dia em diante, nunca mais o jacaré prestou serviços aos homens. E nossos povos passaram a viver apartados uns dos outros pelas duas margens do igarapé.

Estória contada pelo Velho Sueiro – Caxinauá do Rio Jordão

Acervo ISA

OS ÍNDIOS DO ACRE

Antigamente os índios e os brancos não se conheciam. A primeira vez que os brancos encontraram com um índio, este estava sem roupa e brincava com um morcego que tinha achado num oco de pau. Os brancos perguntaram ao índio quem era ele e ele, que não entendia o portuquês, respondeu na sua língua: eu tô matando morcego.

O morcego a gente chama caxi. Então o branco botou um nome nele – sua tribo e você se chamam caxinauá.

Os brancos seguiram seu caminho e mais na frente encontraram outro índio que caçava no mato uma arara. A arara nós chamamos de chauá. Os brancos então perguntaram ao índio onde é que ele andava. O índio respondeu assim: eu matei só arara.

Então os brancos disseram – Você e sua tribo são Chauanauá.

Mais na frente os brancos encontraram outro índio com um porquinho morto nas costas. Os brancos então perguntaram o nome dele e ele, que não sabia seu nome, disse assim: – eu matei só um porco.

Como nós chamamos porquinho Iauá, os carius disseram: – você e sua tribo são Iauanauá.

Depois os brancos encontraram outro índio no caminho caçando com seu cachorro. O índio tinha matado só uma cutia e o cariu perguntou: – O que você matou? O índio respondeu: eu matei só cutia. Os brancos botaram então o nome dele e de sua tribo de Marinauá, pois nós chamamos cutia de Mari.

Mais tarde os brancos encontraram outro índio trabalhando no roçado para derrubar pau. O índio estava com um machado, Jami, e os brancos botaram nele o nome de Jaminauá.

Sálvio Barbosa Kister – Caxinauá do Rio Jordão

Acervo ISA

HOMEM QUE VIROU PASSARINHO

Antigamente havia uma maloca onde moravam muitos índios. Eles trabalhavam no roçado e pescavam no rio Mutum. E sempre tomavam cipó.

Um dia, eles foram tirar cipó na mata e a folha também para misturar. Prepararam três panelas de cipó forte demais e na segunda feira começaram a tomar. Todo mundo tomou do cipó, aguando as plantações da roça. Eram todos tomando: meninos, meninas, velhos, velhas, homens e mulheres. Tomaram cipó por cinco dias seguidos, e estavam mirando muitas coisas. Então eles resolveram pedir a um dos seus homens para ir correndo numa maloca de gente convidar o pessoal de lá. Esse homem se chama Dur Chaur. Dur Chaur partiu em direção a outra maloca, mas quando chegou bem pertinho, ele viu uma mulher tirando um tingui e resolveu ficar pastorando para ver se pegava também algum tingui para pescar. Dur Chaur ficou assim, algum tempo esquecido, olhando para a mulher trabalhar, e quando se lembrou do seu trabalho, saiu para dar o recado.

Chegou no mesmo dia à maloca dos vizinhos, deu o aviso da festa em sua aldeia. Mas eles disseram que não podiam ir pois estavam pescando. Dur Chaur então voltou para sua maloca na maior correria. Quando ía chegando perto, ouviu ao longe uns gritos e o barulho das buzinas de rabo de tatú tocando. Quando por fim chegou no local onde tinha deixado todo mundo, não havia mais ninguém. Eles tinham partido e levado tudo: casas, plantações, criações e o próprio terreno. Só ficou um imenso lago no lugar de todas as antigas coisas. Seus parentes partiram para o céu e levaram toda a aldeia.

Dur Chaur ficou sentado na beira do lago, curando do cipó. Então sentindo-se só e perdido no mundo, ele começou a gritar e o seu grito era igual ao de um passarinho. E foi assim que aquele homem virou pássaro de nome Dur Chaur.

Isso foi no mês de abril.

Estória escrita por Osair Sales Sian – Caxinauá do Rio Jordão

Acervo ISA

O COMEÇO DO MUNDO DOS ÍNDIOS CAXINAUÁ

Era uma vez uma tribo de índios Caxinauá que morava num cupixau bem grande. Naquele cupixau moravam para mais de 1000 pessoas. Um dia passaram umas queixadas e comeram toda a mandioca que tinha no roçado deles. E eles sentiram muita fome e foram andando pelas matas até que acharam um côco muito bom: – o uricuri. Eles passaram a comer uricuri até que comeram todos os cocos daquela região. E começaram a andar de novo. Eles iam muito longe e voltavam. Até que um dia, acharam um barro bem docinho. E ficaram comendo só o barro. As mulheres faziam caiçuma de barro e cozinhavam barro e torravam barro para eles comerem. Mas se tornava uma vida muito triste, porque as queixadas acabaram com a mandioca e todas as outras plantações deles.

Um dia, como os homens tinham saído para ir buscar o barro muito longe, e as mulheres ficaram sozinhas, apareceu então, lá pelo meio dia, um sapo encantado na casa de uma velha que morava mais sua filha. Elas deram a ele caiçuma de barro e barra torrado. De repente, quando a velha olhava para outro canto, o maldito sapo engoliu o tibungo e mais dois tibungos. Elas, com muito medo, foram se esconder na mata. O sapo saiu atrás delas e subiu numa árvore chamada mulateiro. E a velha mais a filha resolveram tocar fogo na árvore. E a árvore foi queimando até que caiu. Quando as mulheres foram ver, só tinha os tibungos que o sapo tinha engolido, mas não encontraram o sapo encantado.

No outro dia, uma menina muito bonita foi tomar banho no igarapé e encontrou com um quatipuru. A menina que estava muito chateada falou assim: sai daí quatipuru. Só você que está comendo bem e eu sem comer nada. E o quatipuru, que era encantado, se transformou imediatamente num homem. A menina, muito assustada, perguntou: – Quem é você? – Eu sou o quatipuru encantado que você estava esculhambando há pouco, disse o homem.

E a menina ficou muito contente e falou assim: – Então você não vai mais embora não, que eu vou me casar com você. Você fique aqui que eu vou perguntar a minha mãe.

E a mulher saiu correndo de alegria e chegou para sua mãe e falou assim: – Mãe, eu vou me casar com um quatipuru encantado.

Sua mãe então pediu que ela fosse buscar o quatipuru. E a menina muito contente foi dar a notícia ao homem encantado.

O homem foi para a casa da menina e a mãe deu caiçuma de barro para ele beber e ele, embora achando muito diferente, bebeu e por fim até achou bom. E nesta noite ele dormiu mais sua mulher. O quatipuru era muito mágico.

No dia seguinte, ele perguntou para sua mulher toda sua estória e ela contou como tinha sido que eles não tinham mais mandioca para comer. E o quatipuru pensou muito e disse: – Eu vou dar um jeito. Você vai atrás da casca da mandioca e todas as outras plantas.

E a mulher dele saiu procurando todas as cascas de plantas e o homem também saiu atrás da sua mágica.

E a mulher mais tarde, voltou para casa bem feliz da vida porque tinha conseguido achar todas as cascas de plantas. Quando ela chegou, o marido dela já estava esperando, pediu que ela fosse avisar para as outras mulheres fecharem os olhos durante cinco minutos. E assim fizeram. O homem fez então a mágica dele e de repente a casca se transformou em mandioca, banana, milho, mamão, batata doce e amendoim. E as mulheres ficaram muito contentes e rapidamente arrancaram os pés de mandioca e cozinharam para comer. Os homens, que ainda não tinham chegado, foram voltando pouco a pouco e recebendo as ótimas notícias da chegada do quatipuru encantado.

Acervo ISA

E todos passaram a viver felizes da vida. Os homens começaram a fazer roçado todos os anos. Todos, menos o quatipuru encantado. A mulher dele reclamou, porque ele não fazia mais roçado. O quatipuru então chamou o cunhado dele e eles sairam no outro dia cheios de maniva de mandioca, milho, banana, inhame, batata doce para plantar. O homem-quatipuru encantado levava uma taboca cortada e tampada. Chegaram num filho de terra bom, fizeram uma limpa grande e o homem deixou seu cunhado naquele lugar junto com a taboca. Antes de sair, porém, avisou para ele não mexer nela. Mas o cunhado, curioso, resolveu destampar a taboca. E foi só ele destampar que começou a sair fogo e o fogo queimou o homem e muitas árvores. Quando o homem encantado viu, o fogo já estava bem perto dele. E ele, de repente, se transformou no quatipuru que ele era e saiu pulando nas árvores até estar fora do roçado. E do lado de fora ficou esperando que o fogo terminasse. Quando o fogo terminou, ele saiu e foi procurar o seu cunhado que estava todo queimado. Não tinha mais um pedaço de carne no corpo dele. Era puro carvão.

O homem então ficou muito triste e saiu atrás da mágica dele. Depois ele voltou, pegou o queimado sem vida e levou para um lago e jogou-o dentro d'água e se escondeu. Dentro de instantes saiu fora d'água o cunhado, com sua vida inteirinha. E assim eles voltaram para plantar roçado e plantaram até terminar todas as manivas que tinham levado.

Tempos depois o homem mandou sua mulher convidar outras mulheres para irem no roçado buscar o milho plantado. E a mulher convidou as outras mulheres e sua mãe também foi Quando chegaram lá no roçado de milho, o milho ainda estava duro e a sua mãe, que não tinha mais dentes, começou a reclamar. De repente, a mãe se transformou num gavião, voou e sentou numa árvore bem alta. A mulher então saiu para avisar seu marido. O marido veio até o local e pegou uma cobra morta e balançou a cobra no ar dizendo: Velha, vem comer esta cobra. O gavião voou e veio bem perto da cobra. E de repente o gavião se transformou em velha novamente.

E o homem voltou para casa, trazendo a velha. As mulheres quebraram muito milho duro e convidaram a velha para comer. A velha, com muita raiva porque não tinha dentes, voltou para o roçado e se transformou num tatu. E a velha-tatu ficou morando dentro da roça comendo batata doce, e nunca mais voltou para casa.

E passaram-se muitos anos, até que um dia o pessoal da aldeia resolveu matar o quatipuru encantado. E fizeram muitas flechas. O homem encantado neste tempo já tinha dois filhos. Um deles era um quatipuru vermelho, o outro um quatipuru roxo.

Quando as flechas estavam prontas, o homem-quatipuru encantado mandou seus dois filhos irem esperar ele na mata. E os seus filhos foram embora se esconder das flechas.

Então, os homens da aldeia sairam para matar o homem encantado e começaram a lançar flechas. Quando uma das flechas passou bem perto dele, ele se transformou em quatipuru e saiu correndo pela mata para encontrar seus filhos.

E todas as plantações se transformaram em árvores da mata.

João Carlos Kiam – Caxinauá do Rio Jordão

Acervo ISA

O NASCIMENTO DA LUA

Era uma vez uma aldeia dos índios Caxinauá no centro da mata virgem. E tinha uma outra tribo de Bencum-nauá que morava bem perto Até que chegou o tempo da guerra deles. E os Caxinauá combinaram para guerrear com os Bencum-nauá. No dia seguinte, mandaram as mulheres fazerem pamonha de amendoim, fubá de milho. Então cada qual pegou a sua flecha, despediu-se da mulher chorando. Juntaram-se 6 pessoas e começaram a viajar. Gastaram 4 dias para chegar lá na aldeia dos Bencum-nauá. Quando chegaram, os Bencum-nauá estavam carregando palha de uricuri para cobrir a casa. Quando os Bencum-nauá descuidaram, os Caxinauá já estavam bem perto deles. Mas de repente, os Bencum-nauá viram os Caxinauá e como eles eram muitos, mais de 500 pessoas, os Caxinauá correram e ficou só um índio Caxinauá abestado. Então os Bencum-nauá mataram o Caxi, cortaram a cabeça dele e deixaram ele lá. Quando os outros Caxis se aproximaram para ver seu morto, viram a cabeça cortada ainda viva. E falaram para ele assim: – Mas você está com a cabeça cortada, que tristeza! Agora você terá que ficar aqui. E a cabeça respondeu – Eu vou é m'embora com vocês.

E então ele acompanhou seus companheiros que sairam correndo. E a cabeça atrás deles. Eles correram tanto que perderam até suas flechas, mas a cabeça não desistia. E assim eles chegaram na casa deles. A cabeça sentia muita fome, mas não podia comer porque ela estava sem o corpo e quando comia, a comida saía toda pelo pescoço.

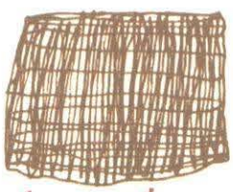
A cabeça foi se aborrecendo muito, porque ninguém mais queria saber dela. Um dia ela pediu a mãe para entrar em sua casa. A mãe pediu para o pai, mas o pai não quiz que ela entrasse. Ela ficou muito triste, pensou muito e disse para a mãe: "Mãe, me dá três qualidades de cordão de algodão que eu vou me virar em lua". A mãe entregou três cores de cordão e ela pegou com os dentes e jogou para cima. A primeira enganchou numa pedra do céu, a outra ela jogou e enganchou no mesmo canto, e assim também a terceira. A cabeça pegou então os três cordões com os dentes e foi subindo, subindo, até que ninguém viu mais. Com uma semana, de repente, acharam a lua no céu.

estória escrita por João Carlos Kiam Caxinauá

Acervo ISA

Choveu em cima de Maria de barro, derreteu.

Maria de barro nunca pegou água e nunca pegou chuva, primeira vez pegou chuva gritou, chorou, não aguentou mais e derreteu Maria de barro.



derreteu

O homem ficou viuvo, não tem mulher porque a mulher dele derreteu, é assim estória de antigamente.

Acervo ISA

O HOMEM DA MULHER DE BARRO

Vamos contar a estória de um homem que tinha uma paixão estranha: ele gostava de fabricar cerâmicas (ora, vocês sabem que somente as mulheres fazem este tipo de trabalho entre nós). Dizem também que ele tecia e cozinhava.

Um dia, ele encontrou um barro de muito boa qualidade à beira do rio. Separou então uma parte, voltou à aldeia, esperando retornar no dia seguinte para fazer sua cerâmica.

Quando chegou no dia seguinte; encontrou uma linda mulher preparando uma panela com o seu barro. Ele então perguntou: "E você, o que faz aqui?".

– Você está vendo, respondeu ela. Faço uma panela de barro.

– Este barro é meu. Deixei ontem aí.

– Ah, é seu? Então eu também sou sua. Deixa eu fazer a cerâmica para você.

– De jeito nenhum. Minha cerâmica sou eu quem faço. Vai embora.

– Eu não vou porque sou sua.

– Que estória é essa de minha? Você não é, nem nunca foi minha. A única coisa minha aqui é o barro.

– Exatamente, disse ela. Eu sou o barro.

E para que ele acreditasse, ela se transformou em barro diante dos olhos do homem e após alguns segundos voltou a ter forma humana.

O homem então tomou a mulher pela mão e levou até a aldeia onde eles passaram a viver casados.

A mulher de barro fez cerâmica, teceu suas redes e preparou comida para eles. Quanto a ele, tornou-se o melhor dos esposos, caçando para ela e abrindo grandes roçados.

Na aldeia, a chegada daquela desconhecida provocou perguntas: Quem era e de onde veio? Todos admiravam a sua beleza. Mas os jovens esposos guardavam o maior segredo sobre a estória de seu encontro e ninguém, além deles dois, nunca soube a chave do mistério da mulher de barro.

Muitos eram também os que desejavam namorar a mulher. Mas ela não parecia com vontade de aceitar nenhum convite.

Acervo ISA

Um dia, um companheiro do seu marido veio procurar o amigo e confessou o quanto ele desejava sua mulher. Ele também era casado com uma mulher bonita. Resolveram então os dois amigos trocar de esposas. "Você fica com a minha e eu com a sua. Negócio fechado". E foi assim que a mulher de barro mudou de marido.

É claro que na intimidade da rede ela contou a seu novo companheiro o mistério de sua origem. Essa mulher necessitava de cuidados especiais. Ela não podia se molhar, senão derretia. Não podemos esquecer que ela era feita de barro não assado. Por isso, ela não podia atravessar nem mesmo um pequeno igarapé, ou pegar chuva.

Um dia que o tempo estava bonito, seu novo marido decidiu levá-la para caçar. Depois do almoço, ele ouviu os gritos de macacos passando:

– Espere-me, que eu vou atrás deles, disse o homem.

– Vá, e não demore muito, recomendou a mulher.

Mas seu marido já havia partido correndo, em busca da caça.

A mulher ficou vendo preocupada o céu se encher de nuvens pretas.

O homem perseguiu o grupo de macacos bem mais longe do que pensava. De repente, ouviu o barulho forte de um temporal naquela direção.

– Ah, parti sem nem mesmo construir um tapiri, pensou ele cheio de preocupação.

Voltou então correndo em direção a sua mulher, debaixo de uma grande tempestade. Mas, ao chegar no lugar onde a mulher ficou, encontrou apenas um resto de barro já derretido.

Cheio de sofrimento, o homem voltou à aldeia e chorou durante muito tempo a morte de sua mulher. Sentiu então todas as aflições porque passa um homem sozinho. Depois de alguns meses, resolveu procurar seu amigo, aquele com quem trocara sua mulher pela mulher de barro.

– Amigo, vim buscar a mulher que te emprestei, disse o homem.

– De jeito nenhum, respondeu o outro. Nós fizemos uma troca. Não é minha culpa se você não soube guardar e conservar sua mulher. Pior para você. Não sou eu quem vai pagar o preço do teu descuido.

Conta-se que nesta noite, o viúvo da mulher de barro entrou em casa muito triste e começou a remexer nos objetos da morta. Encontrou suas velhas roupas e uma boneca de madeira com a qual brincava naquele tempo. Ele vestiu a boneca com as roupas da esposa, entrou com ela na rede e pegou no sono.

Acervo ISA

A INVENÇÃO DA NOITE

Naquele tempo nossa gente não tinha a noite para repousar. Só o dia que haviam roubado do cabrito. Como voces sabem, este animal nunca fecha os olhos, e assim o seu dia nunca termina.

Nossos antepassados estavam muito chateados por não poderem dormir em paz com toda a barulheira do dia, nem namorar com suas mulheres sem que todo mundo visse. Era preciso procurar a noite.

Alguém deu a idéia deles pegarem a noite da coruja. Mas, este animal dorme muito pouco, de modo que não se podia estar satisfeito com sua noite. Era com dificuldade que se conseguia tempo de comer ou de conversar um pouco perto do fogo, mas antes de deitarem na rede, o dia já estava de volta.

Eles devolveram a noite da coruja e resolveram tentar a do porquinho da mata. A noite do porquinho, um pouco mais longa, dava tempo deles adormecerem na rede por alguns momentos. Mas, antes mesmo de dormirem profundamente, eram obrigados a levantar, pois a madrugada já chegava.

Nossos antepassados tentaram então a noite do rato: mas era só dormir uma hora que o sol batia bem forte na aldeia. Muito curta, curta demais a noite do rato.

Devolveram a noite do rato e tomaram emprestada a noite da anta. Este animal dorme o tempo todo. Então nossa gente pode dormir todo o sono atrasado.

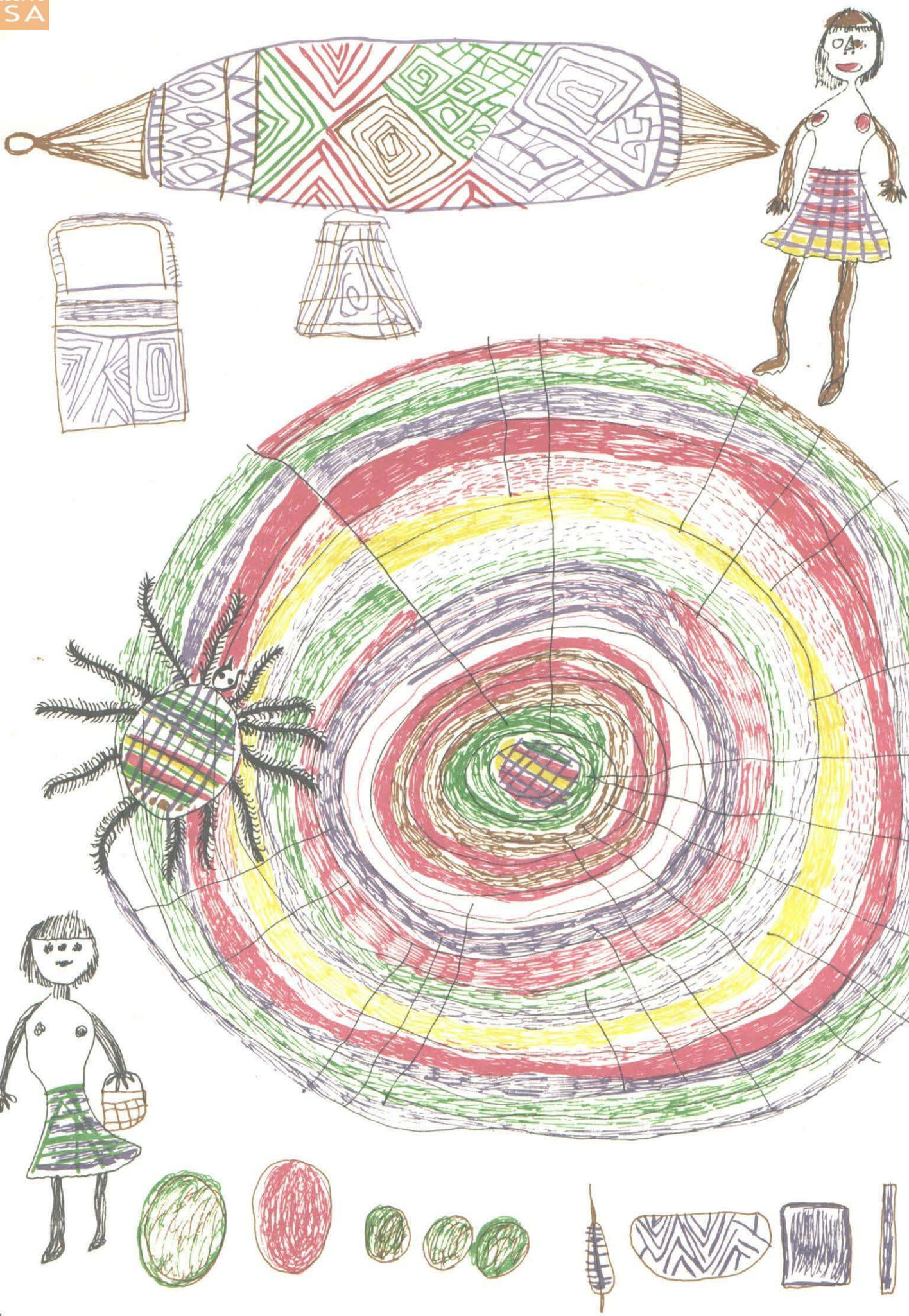
Mas, quando por fim acordaram, as ervas tinham tomado conta dos seus roçados, os cipós invadido suas casas. Tudo estava tomado pela mata. Era longa demais a noite da anta.

Nossos antepassados tentaram assim a noite de muitos animais, mas de nenhum deles a noite tinha a duração certa.

Finalmente eles tentaram misturar a noite do tatu e a da paca e ficaram muito felizes com o resultado. Estes dois bichos dormem a duração exata da nossa noite, pois passam dormindo todo o dia e só se levantam ao anoitecer.

E eles fazem assim porque nossa gente, vejam vocês, roubou sua noite e nunca mais devolveu.

Acervo ISA



índia aprendendo com a aranha

Oair Sales Kaxinauá do rio Jordão

Acervo ISA

A INVENÇÃO DO TECIDO

Houve um tempo que a nossa gente não conhecia a arte de tecer.

Então, Basnem Poro, a aranha de seda, resolveu tomar forma humana e vir viver entre nossos antepassados e ensinar a fabricação dos tecidos de que tanto necessitam.

Basnem foi recebida com muitas atenções pelas mulheres. Cada uma vinha trazer seu algodão para a aranha tecer as redes.

Um dia, uma de nossas mulheres trouxe quatro paneiros cheios de algodão, pedindo à aranha que fizesse uma saia e uma rede.

E nem três dias tinham passado, a mulher voltou à casa da aranha para buscar sua encomenda. Mas ficou muito decepcionada: Não só a rede e a saia não estavam ainda prontos, como viu seu algodão todo destruído.

Ela ficou tão chateada com a aranha que saiu sem nem mesmo ouvir sua explicação. Depois, queixou-se com todas as pessoas da aldeia, reclamando da sua falsa amiga que estragou o seu algodão. Ela não sabia, porém, que a aranha tecia assim: jogando fora uma parte do algodão e aproveitando outra.

Infelizmente, o que tinha de acontecer aconteceu: uma outra fofoqueira da aldeia, que não tinha nada para fazer a não ser contar estórias, foi dizer a Basnem Poro as coisas que a mulher andava dizendo dela.

A aranha ficou bastante triste e resolveu apressar seu trabalho.

No dia seguinte, ela mandou chamar a mulher:

– Mulher, toma aqui sua rede e sua saia e ainda um pouco de algodão e linha que sobraram. Leve tudo isso e desapareça. Contaram-me que você anda falando mal do meu trabalho por aí.

Em seguida a aranha mandou chamar a outra mulher, a que tinha feito fofoca para ela e disse:

– Estou cansada de viver entre vocês e suas fofocas. Vou embora. Mas antes quero ensinar a você a fiar e tecer, pois não vou mais trabalhar para a sua gente. Serão vocês mesmos que de agora em diante farão suas redes e tecidos.

E quando a mulher aprendeu tudo de que necessitava, a aranha voltou a sua forma animal.

Foi deste então que nossas mulheres aprenderam a fiar e tecer as nossas redes, suas saias e outros tecidos.

Acervo ISA

A INVENÇÃO DO CIPÓ

Yo Buie Nawa Tarani, nosso antepassado, foi à mata um dia procurar genipapo para pintar o corpo de seu filho recém-nascido.

Na beira do lago ele encontrou um genipapeiro coberto de frutas. Subiu na árvore carregada e começou a sacudir para fazer cair as frutas

De repente ele ouviu um barulho debaixo dele. Viu então uma anta a roer as frutas do chão. Divertindo-se, ele ficou quietinho em cima da árvore, só olhando.

Ora, tudo começou a ficar estranho quando a anta, após ter roido algumas frutas, começou a jogar elas no meio do lago gritando:

– Toma aqui esses genipapos do meu roçado!

Após alguns minutos, uma jovem saiu do fundo d'água, carregando um tibungo cheio de caiçuma de banana. A anta estava escondida atrás do tronco de uma árvore. A jovem mulher se aproximou, tomou pé na terra e chamou:

– Amigo, onde está você? Aonde você se escondeu?

Saindo do seu esconderijo a anta disse:

– Tou aqui! E então bebeu da bebida que a mulher ofereçeu.

Em seguida, a linda mulher se deu a anta e eles se amaram. Do seu esconderijo, nosso antepassado não podia acreditar no que via.

A mulher voltou para o fundo do lago e a anta para a mata. Yo Buié Tarani desceu da árvore, juntou ainda algumas frutas caídas e voltou para sua aldeia. Chegando em casa deu as frutas para sua mulher sem contar nada. Não quis comer a comida oferecida por ela. Em seguida deitou em sua rede onde ficou por muito tempo com os olhos abertos e perdidos. Ele não podia esquecer o que havia visto no lago. Como se estivesse enfeitiçado. Sua mulher ficou preocupada, mas ele disse estar um pouco doente.

No dia seguinte bem cedo, Yo Buié juntou suas armas, como se fosse caçar, e saiu na direção do lago. Passando debaixo do genipapeiro, ele juntou algumas frutas, roeu elas com os dentes e jogou no lago dizendo:

– Toma aqui os genipapos do meu roçado!

Depois correu e se escondeu atrás de uma árvore. E aconteceu que a linda mulher apareceu, como na véspera, com seu tibungo de caiçuma. Saiu fora d'água, colocou o tibungo na terra e chamou:

– Amigo, onde está você? Onde se esconde?

– Estou aqui, respondeu Yo Buié e jogou-se sobre ela, tentando pegar a mulher à força. Mas ela se defendeu e eles rolaram pela terra até derrubarem a bebida. ►

Acervo ISA

Acervo ISA

De repente a mulher se transformou numa cobra e enrolou-se no corpo dele. Mas ele não se deixou pegar. Ela tentou ainda escapar de Yo buié transformando-se num cipó espinhoso. Mas ele não a soltava de jeito nenhum. Então ela se transformou em aranha, serpente, fogo, mas sem nenhum resultado. Yo Buié não largava dela. E na confusão destas mudanças a cabeça da mulher reapareceu e perguntou:

– Quem é voce? E o que deseja de mim?

Mas ele não respondeu pois estava segurando a presa com os dentes.

A mulher então voltou a sua forma humana até os peitos, mas continuou sem ter a resposta de Yo Buié. Resolveu então tomar forma inteiramente humana, da cabeça aos pés.

– Bem, disse. Agora diga-me o que quer de mim. Por que não me solta para conversarmos feito gente?

Yo Buié explicou então que tinha visto ela e a anta fazendo amor e que a partir daí passou a querer ela para mulher.

– Por que pegou-me pela força em vez de falar claro comigo? Olhe, você me fez derramar toda a caiçuma.

Então ela pegou o que restava dentro do tibungo e fez ele beber, enquanto carinhosamente livrava-se dele. Depois eles repousaram um pouco e acariciando Yo a mulher perguntou:

– Quem é você? Tem mulher e filhos?

– Não, mentiu ele. Não tenho família.

– Então, porque você não fica comigo? Eu serei sua mulher e teremos muitos filhos. Levarei você comigo para minha casa.

Ela colheu em seguida todos os tipos de ervas e fez delas um suco. Depois derramou nos olhos, orelhas e em todas as juntas do corpo de Yo.

Então a mulher disse: – Segure nos meus cabelos!

E os dois mergulharam no lago. Chegando lá no fundo encontraram uma roça de bananeiras e uma casa onde a mulher vivia com seus parentes. Eram as cobras e serpentes, habitantes do lago.

Porém, antes de entrar na aldeia a mulher disse a Yo Buié:

– Esconda-se aqui e espere-me, que eu vou prevenir meus parentes de sua chegada e explicar a eles que você é meu marido. Não tenha medo que voltarei logo.

O homem ficou só, ouvindo os barulhos estranhos e assustadores que saíam das águas do lago. Eram as cobras gigantes agitando-se ao redor da mulher. Rapidamente ela apareceu, tomou Yo Buié pela mão e apresentou-o como seu marido na grande casa dos habitantes do lago. E deste dia em diante Yo Buié e a mulher-cobra passaram a viver juntos como marido e mulher.

Algum tempo depois as cobras e serpentes do lago resolveram tomar cipó. Yo Buié perguntou a sua mulher se ela também iria tomar. cipó.

– É claro, disse ela.

– E eu, poderei também?

– Não, porque você terá muito medo. Você verá cobras e serpentes e pensará que elas querem te devorar. Então você gritará como um louco. Não se meta com isso. São nossos costumes e não os seus.

Mas, Yo Buié insistiu tanto que terminaram por aceitar ele no círculo de cobras para tomar o cipó.

Logo nas primeiras mirações, Yo Buié se pôs a gritar: – Socorro, as cobras querem me engulir!

Na mesma hora, sua mulher se transformou em cobra, enrolou-se carinhosamente nele, aproximou a cabeça de sua orelha direita e cantou docemente. A sua sogra aproximou-se e fez o mesmo, cantando em sua orelha esquerda. Enfim seu sogro se enrolou nos três e balançando seu rosto na frente de Yo Buié, acompanhou também a canção.

Acervo ISA

Um dia, quando eles repousavam em suas redes, as frutas do genipapo roídas começaram a cair dentro do lago – A anta estava de volta.

Como a jovem mulher não respondeu a seus apelos, a anta entrou n'água, mergulhou e permaneceu debaixo d'água muito tempo, como aliás faz até hoje. Assim mergulhada a anta chegou bem perto da roça. A sogra de Yo Buié foi então a seu encontro explicar que sua filha não era mais livre. Pediu para a anta parar de procurar sua filha e a anta não insistiu mais.

A vida seguiu muito feliz debaixo das águas. Os esposos tiveram quatro filhos: dois meninos e duas meninas.

Neste mesmo lago vivia Ishkin, um pequeno peixe encouraçado. Um dia, Ishkin foi nadando até um igarapé formado pelas águas do lago e encontrou na margem a antiga mulher de Yo Buié. Esta acreditava estar viúva e não parava de reclamar a falta de seu marido. Com tantos filhos para criar, ela sobrevivia com a ajuda de seus parentes e amigos da aldeia.

Este dia ela tinha ido ao igarapé para tentar pegar algum peixe com as mãos, como fazem as mulheres. E enquanto pescava, chorava alto, contando detalhe por detalhe de sua desgraça. Nisso ela quase pegou Iskin pela barbatana de couro que protege a sua cabeça.

Ah! gritou Iskin, jogando seu corpo para trás. E se ele conseguiu escapar da mulher foi com o preço de deixar sua barbatana presa entre os dedos dela.

Quando ela se afastou, Iskin voltou ao lago. Ele não estava nada satisfeito com o que tinha ouvido. Foi direto onde estava Yobuié para jogar sua raiva sobre ele.

– O que é que você está fazendo aqui no lago? gritou Iskin. Você nunca falou-nos de sua outra família que está morrendo de fome na terra. Eu encontrei sua mulher. E foi ela quem arrancou minha barbatana! E talvez você nem saiba, mas ela e seus filhos da terra estão todos morrendo de fome, vivendo com ajuda dos amigos. E você aqui dando de comer a pessoas que não são nem da sua espécie.

Yobuié então abaixou a cabeça e compreendeu todo o mal que tinha feito a sua família da terra.

Mas como farei para sair daqui? suspirou ele. Se não posso nem mais viver ao ar livre?

– Eu vou te ajudar, disse Iskin. Mas prometa para mim que não dirá nada a ninguém.

– Prometo, disse Yobuié.

Então Iskin colheu muitas ervas e jogou seu suco nas orelhas, olhos e em todas as juntas do corpo de Yobuié. Depois levou ele até às margens do lago. Em seguida, Iskin abandonou o lago e foi viver no leito de um rio.

Quando Yobuié chegou a sua aldeia foi recebido com espanto e alegria por todos: – Eu pensava que você já estava morto há muito tempo! disse sua mulher.

– Não, eu não estava morto. Foram as cobras que me raptaram e me prenderam entre elas. Hoje é que consegui fugir. Esconda-me porque tenho medo delas virem me buscar.

Yobuié pendurou sua rede no ponto mais alto da casa e foi dormir meio assustado.

Então as águas do lago começaram a se agitar e transbordaram em ondas que iam uma a uma inundando a aldeia.

As cobras apareceram na superfície para chamar Yobuié. Como ele não aparecesse, sua família do lago terminou por voltar para o fundo das águas que por fim baixaram ao nível normal.

Era a família das cobras que desta vez estava triste e com dificuldades, sentindo a falta de Yobuié.

Depois de algum tempo escondido lá em cima em sua rede, Yobuié resolveu ir caçar para ajudar a sua família da terra que sentia fome. Pegou seu arco e flecha e se arrumou para sair. Sua mulher, com medo, fez todo o esforço para ele desistir da idéia. – Não vá! As cobras vão prender você de novo! Fique comigo, desista da caçada.

– Não tenha medo, dizia Yobuié.

Acervo ISA

E ele partiu para caçar. A primeira caça que avistou foi um pássaro de crista vermelha. Atirou uma flecha, mas o pássaro voou. A flecha foi então cair nágua a dois metros da margen do lago. E Yobuié resolveu ir buscar de qualquer maneira.

Logo que pôs os pés n'água, deu de cara com uma de suas filhas cobras: – Você aqui?

Mas sua filha não respondeu. E com muita raiva perguntou: por que você abandonou minha mãe, meus outros irmãos, meus avós e eu?

E como seu pai, de cabeça baixa não deu resposta, ela gritou:

– Já que é assim, nós vamos comer você todinho, papai.

E a filha cobra atacou o pé de Yobuié, mas como era muito pequena ainda, não conseguiu comer mais que o dedão. Seu pai ficou paralisado de dor. Ela então chamou seus irmãos para ajudar a comer seu pai.

E ferozmente eles tentaram comer Yobuié, mas não conseguiram nem mesmo engolir metade de seu pé com suas gargantas pequeninas de filhotes.

Chegou então sua mulher que conseguiu, cheia de raiva, devorar Yobuié até a metade das pernas.

Então deu lugar a sua sogra, cobra gigante, que num só bote devorou seu genro até a cintura.

Quando o sogro chegou, antes de começar a comer seu genro, fez as devidas reprovações ao gesto de Yobuié. Este não conseguiu responder e envergonhado ficou de cabeça baixa.

Foi então que chegaram seus parentes da terra, preocupados com sua demora. Como fazer para livrar Yobuié? Pensaram eles. Se atirarmos flechas nas cobras, acabaremos por matar ele também.

– Ah, já sei, disse um deles. Vamos esmagar o rabo da cobra; ela acabará por abandonar Yobuié.

E assim foi feito. A cobra ferida fugiu e os homens puderam ainda salvar Yobuié e levar ele para a aldeia. Mas, daquele dia em diante, ele ficou paralítico dos ombros pra baixo.

Pouco tempo depois, sentindo-se enfraquecido e próximo da morte, Yobuié reuniu em seu redor parentes e amigos.

– Enquanto eu estava debaixo das águas, as cobras me ensinaram a preparar e tomar esta bebida que é o cipo. Eu não quero morrer sem passar para vocês o meu segredo.:

– Corram à mata e juntem todos os cipós que encontrarem.

E todos partiram e quando voltaram, vinham carregados de muitas espécies de cipós.

Yobuié examinou cada cipó, dizendo: – Não é este! Até que por fim ele gritou: – É esse aqui! Por sorte, haviam encontrado um pedaço do verdadeiro cipó.

Yobuié disse ainda: – Isto não é suficiente. Tragam-me agora as folhas de todas as árvores pequenas que voces encontrarem na mata.

E a busca recomeçou. O doente examinava com muita paciência todas as folhas que eram trazidas e suspirava: – Não, ainda não é esta!

Até que um dia ele gritou: É esta aqui! E ele mostrou a folha do arbusto que chamamos Cauá (ou chacrona).

Nosso antepassado amassou então os talos do cipó, meteu-os numa panela com água e juntou as folhas e pôs os dois para ferver.

Após o cozimento, era cuado e posto para esfriar. À noite, eles se reuniram todos, beberam a bebida e tiveram muitas miraçõesl

Ao saírem daquele estado provocado pela bebida, Yobuié disse:

– Eu tive a miração da minha morte bem próxima.

E três dias depois, Yobuié morreu.

E foi depois deste dia, que todos nós passamos a beber cipó em grupo. Pois é pela presença de outros que dominamos o medo provocado pela miração. E é pelo poder do canto que mantemos distancia de nós mesmos, de maneira que podemos ver na miração todas as coisas do presente, passado e futuro e do além, que nós não podemos ver com nossos olhos da carne.

O cipó é fonte de todo saber que existe além de nós.

Acervo ISA

Direitos reservados a seus autores.

Caxinauá do Jordão
Anastácio Maia – Banêr
Izaias Sales – Imá
Francisco Senhozinho – Tenêr
Joaquim Paulo – Maná
João Carlos – Kiam
João Sales – Tenêr
José Pereira – Biscô
Norberto Sales – Tenêr
Osair Sales – Sian
Rufino Sales – Kister
Sálvio Barbosa – Kister

Caxinauá do Envira
Rubem, Júlio e Pedro Barbosa – Cupi

Apurinã
Francisco, Maria Elizabeth, Cleonice e Antônio

Catuquina
Orlando Assis – Nii e Maurício Rodrigues – Vinhô

Iaminauá
Paulo Maxico e Pedro Chagas

Manchineri
Paulo Emídio

Ianauá
Maria Luiza – Maueni

e Nietta Lindenberg Monte

Capa: Norberto Sales – Tenêr

Composição: TIP

Impressão: Europa

Agradecemos ao pessoal da Comissão Pró Índio e Coordenadoria de Assuntos Indígenas:

- indigenista Antônio Luiz Macedo
- antropólogo Terri Valle de Aquino
- repórter e nosso professor de matemática Luiz Carvalho, que datilografou e ajudou Nietta a revisar os nossos textos.

Às pintoras chilenas Bárbara Vicuña e Flor Opazo, que do Rio de Janeiro fizeram a transcrição gráfica para o livro dos nossos desenhos.

Ao Centro de Treinamento da F.D.R.H.C.D. do Governo do Acre, pelas salas de aula e hospedagem.

À Pró-Memória, Inacen, Embrafilme, Funarte e Fundação Joaquim Nabuco que,através do Projeto Interação Educação Básica e Diferentes Contextos Culturais Existentes no País, financiou a edição deste livro.

Parte desta edição será usada nas aldeias pelas comunidades indígenas do Acre como material didático.

O restante será vendido em livrarias das cidades para obtenção de recursos que possibilitem a continuação do programa de Educação indígena desenvolvido pela C.P.I. e C.A.I. Acre.

Acervo ISA